

LETRAMENTO DISCURSIVO E MULTIMODAL NO ENSINO DE ESPAANHOL: REFLEXÕES CRÍTICAS A PARTIR DA PRÁTICA COM MATERIAL DIDÁTICO PRESCRITO

Agda Negrão Moreira Chahim ¹

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre os modos de funcionamento dos materiais didáticos no ensino de línguas, com foco na disciplina de Espanhol em uma escola particular e na utilização do livro *Trilhas*. A partir da experiência docente, o estudo analisa como os materiais prescritos podem tanto limitar quanto possibilitar práticas de letramento discursivo e multimodal no processo de ensino aprendizagem. Ancorado na Análise do Discurso materialista (Pêcheux, [1975] 2014; Orlandi, 2009, 2012) e nos estudos da Multimodalidade (Kress; van Leeuwen, [1996] 2006; Walsh, 2010; Callow, 2013), parte-se do princípio de que ensinar línguas é um ato político e ideológico, que exige do professor a leitura crítica dos discursos que atravessam os materiais didáticos. Com base nesse referencial, analisam-se possibilidades de ressignificação de atividades propostas no livro, visando à ampliação da leitura crítica, à valorização da heterogeneidade textual e à promoção de práticas que articulem linguagem verbal e não verbal. Os resultados apontam que, mesmo em contextos mediados por materiais comerciais, é possível tensionar sentidos cristalizados e promover práticas contra-hegemônicas que favoreçam a formação de sujeitos críticos, conscientes de seu lugar de enunciação e capazes de intervir discursivamente na realidade.

Palavras-chave: Letramento discursivo, Multimodalidade, Ensino de espanhol, Materiais didáticos, Análise do discurso.

ABSTRACT

This paper proposes a critical reflection on the functioning of didactic materials in language teaching, focusing on the Spanish subject in a private school and the use of the *Trilhas* textbook. Based on teaching experience, the study analyzes how prescribed materials can both limit and enable practices of discursive and multimodal literacy in the teaching-learning process. Grounded in Materialist Discourse Analysis (Pêcheux, [1975] 2014; Orlandi, 2009, 2012) and in Multimodality Studies (Kress & van Leeuwen, [1996] 2006; Walsh, 2010; Callow, 2013), it assumes that language teaching is a political and ideological act, requiring the teacher to critically read the discourses embedded in didactic materials. From this perspective, the study explores possibilities for re-signifying activities proposed in the textbook, aiming to enhance critical reading, value textual heterogeneity, and promote practices that articulate verbal and non-verbal language. The results indicate that even in contexts mediated by commercial materials, it is possible to challenge crystallized meanings and promote counter-hegemonic

¹ Graduanda do Curso de Doutorado em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, agda.n@ufms.com.br

² Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil.

practices that contribute to the formation of critical subjects, aware of their place of enunciation and capable of discursive intervention in reality.

Keywords: Discursive literacy, Multimodality, Spanish teaching, Didactic materials, Discourse analysis.

INTRODUÇÃO

A escola, enquanto espaço de produção e circulação de discursos, constitui-se como território de disputas simbólicas, tensionamentos ideológicos e formas de regulação do saber. É nesse cenário que os materiais didáticos ganham centralidade, não como instrumentos neutros ou meramente pedagógicos, mas como dispositivos que operam discursivamente na constituição de sentidos, sujeitos e práticas. O livro didático, nesse sentido, deixa de ser compreendido apenas como um repositório de conteúdos escolares e passa a ser analisado como materialidade significativa que participa de uma rede de discursos em constante movimento. Ele afeta e é afetado pelas condições de produção que o atravessam — políticas, históricas, institucionais, pedagógicas e ideológicas — e, assim, posiciona os sujeitos que dele fazem uso.

Neste trabalho, propõe-se uma reflexão crítica acerca dos modos de funcionamento dos materiais didáticos no ensino de línguas, com foco na disciplina de Espanhol e na utilização do livro *Trilhas*, adotado em uma escola da rede privada. A análise parte da experiência docente, compreendida como lugar de observação, intervenção e produção de saberes sobre a linguagem e sobre a escola. Ao eleger o material didático como objeto de análise, o estudo inscreve-se na compreensão de que é na e pela linguagem que os sentidos se organizam, se estabilizam e se deslocam, e que todo gesto de leitura implica um gesto de interpretação atravessado por posições ideológicas, por regularidades discursivas e por processos de constituição do sujeito.

A análise ancora-se nos pressupostos da Análise do Discurso materialista (Pêcheux, [1975] 2014; Orlandi, 2009, 2012), que compreende a linguagem como espaço de luta e de atravessamento ideológico, e nos estudos da Multimodalidade (Kress; van Leeuwen, [1996] 2006; Walsh, 2010; Callow, 2013), os quais ampliam a noção de texto e de leitura para além da linguagem verbal, reconhecendo a constituição discursiva de sentidos por meio da articulação entre diferentes modos semióticos. Essa base teórico-metodológica permite deslocar o olhar sobre o material didático, fazendo emergir seus efeitos de sentido, suas opacidades e silenciamentos, bem como suas potencialidades enquanto espaço de tensionamento de discursos.



Entende-se que o ensino de línguas estrangeiras, em especial em contextos mediados por materiais didáticos comerciais, deve ser interrogado como prática discursiva e política. A escola não apenas ensina uma língua estrangeira, mas ensina uma forma de ver o mundo por meio dessa língua, seleciona sentidos possíveis e exclui outros, promove determinadas identidades e apagam outras. Assim, o material didático funciona como um dispositivo que regula a visibilidade de certos temas, corpos, sujeitos e formas de dizer. Nesse processo, o professor ocupa uma posição estratégica, pois é ele quem pode, a partir de uma postura crítica, abrir fissuras nos discursos hegemônicos e propor deslocamentos que permitam outras leituras, outras presenças, outros sentidos.

A proposta deste trabalho, portanto, não se limita à análise de um material específico, mas visa contribuir para a problematização do papel dos materiais didáticos na escola contemporânea, entendendo-os como objetos atravessados por discursos que operam na constituição dos sujeitos e nas possibilidades de significação da língua estrangeira. Ao mobilizar a experiência docente como espaço de produção de saber, o estudo visa também inscrever o gesto de ensinar como gesto de leitura, como exercício de interpretação e como forma de resistência aos sentidos já estabilizados.

Objetiva-se, de forma geral, compreender como as atividades propostas no livro *Trilhas* operam discursivamente na constituição de práticas pedagógicas voltadas ao ensino de Espanhol, e, de forma mais específica, analisar como essas atividades podem ser ressignificadas a partir de uma leitura crítica que valorize a heterogeneidade textual, a multimodalidade e a formação de sujeitos leitores conscientes de seu lugar de enunciação. Trata-se, assim, de interrogar os efeitos de sentido produzidos pelas atividades propostas, bem como de mapear possibilidades de deslocamento e intervenção pedagógica frente às regularidades discursivas que operam no livro.

Metodologicamente, o estudo se inscreve em uma perspectiva qualitativa, de caráter interpretativo, e adota a análise discursiva como instrumento teórico-metodológico. Foram selecionadas atividades específicas do livro *Trilhas*, adotando-se como critérios de escolha a diversidade de gêneros discursivos, a presença de elementos multimodais e o potencial formativo das propostas. A análise foi realizada em diálogo com registros da prática docente, com anotações reflexivas e com o contexto institucional no qual o material é utilizado, o que permitiu situar os enunciados em suas condições de produção concretas.

As análises realizadas revelaram que, ainda que o material didático apresente limitações importantes como a reprodução de estereótipos culturais, a simplificação de práticas discursivas e a ausência de uma abordagem crítica da linguagem, ele também pode ser apropriado de forma



estratégica pelo professor, abrindo possibilidades para práticas contra-hegemônicas. Ao inserir outros textos, problematizar os discursos presentes nas imagens, propor retextualizações e estabelecer conexões com a realidade dos alunos, o professor pode operar deslocamentos que ampliam os horizontes de leitura e promovem a formação de sujeitos mais críticos e politicamente implicados com o mundo que os cerca.

Em síntese, o trabalho evidencia que o material didático, enquanto artefato discursivo, não é um fim em si mesmo, mas um ponto de partida para práticas pedagógicas que precisam ser constantemente ressignificadas no interior da escola. O ensino de línguas, nesse contexto, deve ser compreendido como espaço de formação discursiva e política, no qual o professor, como leitor e produtor de sentidos, exerce papel fundamental na mediação entre os discursos que circulam no livro e os sujeitos que com ele interagem. Mais do que aplicar conteúdos, trata-se de formar leitores capazes de interpretar, questionar e intervir na realidade por meio da linguagem.

A escola, portanto, não pode prescindir de práticas pedagógicas que favoreçam a emergência de outros discursos, que rompam com o silenciamento e a naturalização de sentidos e que assumam a linguagem em sua dimensão constitutiva, histórica e ideológica. O professor, nesse processo, é convocado a ser mais que transmissor de conteúdos: é chamado a ser leitor crítico, sujeito ético e político, capaz de interrogar os materiais com os quais trabalha e de promover práticas que tensionem o já dito e abram espaço para o ainda por dizer. Assim, o presente trabalho se inscreve na defesa de uma educação linguística comprometida com a formação de sujeitos discursivamente posicionados, capazes de ler o mundo, dizer de si e intervir na história por meio da linguagem.

DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho inscreve-se no campo das pesquisas qualitativas, assumindo a perspectiva da Análise do Discurso de linha materialista (Pêcheux, [1975] 2014; Orlandi, 2009, 2012) como orientação teórico-metodológica. Esta escolha não é aleatória nem técnica, mas responde à concepção de linguagem como espaço de atravessamento ideológico, de constituição de sentidos e de produção de subjetividades. A linguagem, nesta perspectiva, é compreendida como lugar de tensão entre formações discursivas que se confrontam em processos históricos e sociais, sendo o discurso uma prática material atravessada por condições de produção e por relações de poder.



A pesquisa foi realizada a partir da experiência em turmas de Ensino Fundamental II, em uma escola particular, que adota o livro *Trilhas* como material didático obrigatório para o ensino de Língua Espanhola. O trabalho assume o lugar da sala de aula como território de observação e produção de saber, tensionando a cisão tradicional entre teoria e prática e reconhecendo o cotidiano escolar como espaço de construção de conhecimento. Foram selecionadas quatro unidades do livro *Trilhas*, recorte justificado pela recorrência de propostas que envolvem práticas de leitura e interpretação textual — entendidas aqui não apenas como atividades cognitivas, mas como práticas discursivas, sociais e ideológicas.

As unidades selecionadas compõem o corpus de análise, constituído por trechos textuais, imagens, instruções e atividades de produção. A coleta dos dados se deu por meio de registros da prática docente (relatos reflexivos, fichamentos e planos de aula), bem como pelo exame do próprio material didático, a partir de critérios discursivos. Como a pesquisa não envolve diretamente seres humanos (não foram realizadas entrevistas nem observações com alunos), não houve necessidade de submissão à Comissão de Ética em Pesquisa. Os dados coletados dizem respeito exclusivamente ao material didático analisado e aos registros da prática pedagógica. As imagens do livro foram descritas discursivamente e, quando necessárias, referenciadas conforme a publicação original do material. Não houve reprodução de imagens em sua forma visual, mas sim descrição e interpretação crítica de seus efeitos de sentido.

A escolha por tensionar o funcionamento discursivo do livro *Trilhas* parte do reconhecimento de que os materiais didáticos não são neutros, tampouco espelhos da realidade. Eles funcionam como discursos pedagógicos reguladores, isto é, organizam os saberes escolares, prescrevem práticas, delimitam identidades e naturalizam sentidos. Como aponta Orlandi (2009), a linguagem não diz tudo, mas diz algo a partir de determinadas posições ideológicas e condições de produção. O que está dito em um livro didático, portanto, é sempre uma seleção, uma organização, um silenciamento e uma autorização de sentidos.

Nesse cenário, a análise do livro *Trilhas* busca evidenciar os efeitos de sentido que emergem das propostas textuais, das imagens e das orientações didáticas. Trabalha-se com a noção de que os discursos presentes no material não são transparentes, mas carregam marcas de historicidade, de posições de sujeito e de regimes de visibilidade. A articulação com os estudos da Multimodalidade (Kress; van Leeuwen, [1996] 2006) permite expandir essa análise para além da linguagem verbal, reconhecendo que imagens, esquemas, cores e ícones também dizem e dizem politicamente.

Além disso, o estudo dialoga com autores que pensam o ensino de línguas como prática discursiva e socialmente situada (Moita Lopes, 2006; Kleiman, 2008), defendendo a

importância de práticas pedagógicas que favoreçam a leitura crítica, a construção de sentidos plurais e a atuação ética dos sujeitos na linguagem. O livro didático, ao organizar práticas de linguagem, contribui para a formação de uma determinada concepção de língua, de cultura e de sujeito e é esse processo que se busca problematizar neste trabalho.

A análise das quatro unidades do livro *Trilhas* permitiu identificar três categorias analíticas principais, com base nos enunciados verbais, nas imagens e nas orientações didáticas presentes. A primeira categoria refere-se à homogeneização dos sujeitos e ao apagamento da diversidade. Foi possível observar que as imagens presentes nas atividades tendem a representar sujeitos brancos, heteronormativos, fisicamente padrões e em contextos socioculturais ocidentalizados. A escassa representação de corpos racializados, de identidades de gênero dissidentes ou de contextos latino-americanos não-hegemônicos revela uma política de apagamento, que silencia a multiplicidade dos sujeitos e reforça estereótipos coloniais. Essa regularidade aponta para uma pedagogia da homogeneização, que produz efeitos de exclusão simbólica no processo de identificação discente.

A segunda categoria diz respeito a redução da leitura à decodificação. As atividades de leitura propostas, em sua maioria, solicitam respostas fechadas, de caráter objetivo, orientadas à confirmação de informações explícitas no texto. Pouco se problematiza a posição do enunciador, os efeitos ideológicos do dizer ou as relações de poder presentes nos discursos. Isso indica uma concepção de leitura desvinculada da interpretação, limitando o trabalho com os sentidos possíveis e desestimulando a construção de leitores críticos. A linguagem aparece como ferramenta de comunicação e não como espaço de disputa de significados.

A terceira categoria observada diz respeito à fragilidade no tratamento da multimodalidade. Ainda que o livro apresente elementos gráficos, imagens e recursos visuais, tais elementos são pouco explorados enquanto produtores de sentido. As imagens aparecem ilustrando ou decorando o texto, mas não são mobilizadas como objeto de análise discursiva ou de interpretação crítica. A ausência de propostas que articulem diferentes modos semióticos de forma efetiva evidencia uma compreensão limitada da linguagem, centrada exclusivamente no verbal e afastada das práticas sociais contemporâneas de leitura e escrita.

Essas categorias não encerram o sentido dos dados, mas abrem possibilidades de deslocamento. A pesquisa mostra que, embora o livro *Trilhas* apresente limites importantes no que se refere à promoção do letramento discursivo e multimodal, ele pode ser apropriado de forma crítica pelo professor, que, ao tensionar os enunciados e propor reconfigurações das atividades, instaura novas possibilidades de leitura e de produção de sentido.



Desse modo, compreender o livro didático como objeto de discurso implica deslocar o olhar que o toma como mero instrumento neutro e funcional. É na tessitura da prática pedagógica atravessada por múltiplos sentidos, vozes e tensões que o professor se constitui como sujeito interpretante e interventor. Apropriando-se criticamente do material prescrito, ele atua como curador de discursos, operando gestos de leitura que desestabilizam a linearidade das propostas e abrem espaço para a emergência de outras textualidades, mais sensíveis à pluralidade dos sujeitos e aos letramentos contemporâneos. Assim, o livro deixa de ser um fim em si mesmo e passa a ser um entre lugar, um ponto de partida para práticas pedagógicas comprometidas com a formação crítica dos alunos.

A ressignificação das atividades foi realizada, por exemplo, por meio da inserção de textos de diferentes gêneros (poemas, reportagens, memes, cartazes), da proposição de perguntas abertas e da problematização de imagens estereotipadas. Essas intervenções permitiram ampliar o campo de leitura, promover o diálogo entre diferentes vozes e convocar os alunos à construção de sentidos que interpelam suas próprias experiências e lugares de enunciação. Como destaca Kleiman (2008), ensinar leitura crítica é formar sujeitos que compreendem o texto como ação no mundo.

As análises realizadas indicam que o professor, ao assumir uma posição discursiva crítica, pode atuar como mediador ético e político dos sentidos em circulação na escola. Sua prática pedagógica não é neutra, mas constitui-se como gesto de interpretação, como lugar de escuta e como prática de resistência frente à cristalização de discursos hegemônicos. O livro didático, portanto, não é um fim, mas um meio: um espaço de disputa, de negociação e de abertura para o ainda por dizer.

Desse modo, pensar a atuação docente sob uma perspectiva discursiva crítica implica reconhecer que ensinar é também intervir nos modos de subjetivação e nas formas de leitura de mundo que circulam no espaço escolar. Ao tensionar as verdades estabelecidas e acolher as multiplicidades do dizer, o professor se inscreve como sujeito político que reinscreve sentidos, desestabiliza normatividades e abre brechas para a emergência de outras narrativas possíveis. Assim, mais do que reproduzidor de conteúdos, ele se constitui como autor de uma prática comprometida com a transformação e com a ampliação das possibilidades de existência no e pelo discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso investigativo aqui desenvolvido procurou tensionar as práticas de leitura propostas no livro didático *Trilhas*, utilizado no Ensino Fundamental II em uma instituição privada de ensino, à luz das contribuições da Análise do Discurso de linha materialista e dos estudos sobre letramento discursivo e multimodal. Partindo da compreensão de que o material didático é uma forma de discurso pedagógico regulador, que participa da constituição de sentidos, de sujeitos e de práticas escolares, buscou-se não apenas descrever, mas interpretar os efeitos de sentido produzidos pelas orientações de leitura, pelas imagens e pelas proposições pedagógicas contidas no livro.

As análises permitiram evidenciar o funcionamento de três regularidades discursivas: a homogeneização dos sujeitos representados, a limitação da leitura a práticas de decodificação e a fragilidade no tratamento da multimodalidade textual. Esses elementos, tomados não como falhas isoladas, mas como efeitos de determinadas condições de produção ideológica e institucional, revelam um modelo de ensino ainda preso a concepções normativas de língua e de leitura, pouco sensível à pluralidade dos sujeitos escolares e às demandas contemporâneas por uma educação crítica, inclusiva e situada.

Contudo, o trabalho não se encerra na crítica ao livro didático. Ao evidenciar os tensionamentos possíveis a partir da prática pedagógica, reafirma-se a potência transformadora do gesto docente. A sala de aula, entendida aqui como espaço discursivo de negociação e produção de sentidos, torna-se território de resistência quando o professor assume a tarefa de mediar criticamente os discursos em circulação, reconfigurando atividades, propondo novas leituras e instaurando outras possibilidades de escuta. Nesse sentido, mais do que denunciar as limitações do material didático, o presente estudo visa inspirar deslocamentos metodológicos e epistemológicos que contribuam para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a formação de sujeitos leitores críticos, sensíveis às multiplicidades linguísticas, culturais e sociais que atravessam o cotidiano escolar.

Do ponto de vista da contribuição empírica, o trabalho oferece à comunidade científica um olhar situado sobre o funcionamento discursivo do livro *Trilhas*, podendo servir de subsídio para novas investigações que busquem compreender o papel dos materiais didáticos na formação discursiva de professores e alunos. Ao mesmo tempo, aponta para a urgência de políticas editoriais e educacionais que incorporem os princípios da diversidade, da alteridade e da leitura crítica nos processos de elaboração e seleção de recursos pedagógicos.

Dessa forma, o estudo aqui apresentado não pretende oferecer respostas fechadas, mas instaurar um campo de problematização e abertura. Ainda há muito a ser dito e feito no que tange à articulação entre ensino de línguas, formação de leitores e práticas discursivas escolares.

Novas pesquisas podem ampliar o escopo analítico aqui adotado, considerando outros níveis de ensino, outros materiais didáticos, diferentes contextos escolares e, sobretudo, as vozes dos sujeitos que habitam esses espaços: professores, alunos, famílias. Que esta pesquisa seja, portanto, convite e provocação para ler mais, para ler diferente, para fazer da leitura uma prática de mundo.

REFERÊNCIAS

CALLOW, J. *The Shape of Text to Come: How Image and Text Work*. Newtown: PETAA, 2013.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. 2. ed. London: Routledge, 2006. (Obra original publicada em 1996).

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, E. *Significação e Silêncio*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. (Obra original publicada em 1975).

WALSH, M. **Multimodal Literacy: What Does It Mean for Classroom Practice?**. *Australian Journal of Language and Literacy*, v. 33, n. 3, p. 211–239, 2010.